

**CONSEQUÊNCIAS DE UM COMPORTAMENTO (DE)S(VIADO):
UMA ANÁLISE CRÍTICO-COMPARATIVA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM
*O RETRATO DE DORIAN GRAY E O BOM CRIOULO***

**CONSEQUENCES OF A TRANSGRESSIVE BEHAVIOR:
A CRITICAL-COMPARATIVE ANALYSIS ON THE HOMOSEXUALITY IN *THE
PICTURE OF DORIAN GRAY AND O BOM CRIOULO***

Giovane Alves de Souza¹

Ana Luisa Barbosa de Melo²

Resumo: Este artigo intenciona tecer uma relação comparativa entre *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, tendo como base *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, da teórica americana Judith Butler, com enfoque no desempenho da homossexualidade apresentada pelas personagens, questão que é recorrente em ambas as obras. Nesse sentido, buscamos analisar as performances dos personagens, no que compete à sexualidade e a o que isso influenciou no destino dos mesmos, no decorrer das tramas. Nosso referencial teórico-metodológico será Butler (2010), Silva (2014) e Fernandes (2015).

Palavras-chave: homoerotismo; literatura; homossexualidade; naturalismo; Era Vitoriana.

Abstract: This paper aims to articulate a comparison between *The picture of Dorian Gray*, by Oscar Wilde, and *O Bom Crioulo*, by Adolfo Caminha, based on *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, by the American theoretical Judith Butler, focusing on the performance of homosexuality presented by the characters, which is a question that is manifested in both works. In this sense, we seek to analyze the performances of the characters towards to their sexuality, and what this may influence on their destiny in the course of the stories. Our analysis is supported by critical and theoretical principles drawn from Butler (2010) Silva (2014) and Fernandes (2015).

Keywords: homoerotism; literature. homosexuality; naturalism; Victorian Age.

¹ Aluno de Graduação em Letras (habilitação em língua inglesa) na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: giovane.oficial@hotmail.com

² Graduada em Letras (habilitação em língua inglesa) pela Universidade Federal de Campina Grande. Especialista em Linguística Aplicada ao ensino de Língua Materna pela (UFCG) e em Fundamentos da Educação pela (UEPB) Email: analuisamelo35@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, o homem sentiu a necessidade de exprimir a sua sexualidade e vivê-la de forma que o mesmo pudesse exercer a sua personalidade e se relacionar com outros seres humanos. Porém, a vida sexual do homem foi moldada em papéis de gênero que delimitaram o seu futuro e a sua posição na sociedade, colocando-o em espaços específicos referentes ao papel de gênero que o mesmo deveria exercer.

Tais valores, referentes à sexualidade, segundo a teórica americana Judith Butler (1988), foram construídos culturalmente e os mesmos culminaram em um processo de exclusão do indivíduo que *performa* atos referentes à sexualidade e ao gênero, não correspondendo, assim, aos padrões socialmente aceitos, fazendo com que tal indivíduo passe a enfrentar as consequências que o seu comportamento subversivo acarretou.

Na literatura, no entanto, há espaço para que a arte, uma espécie ferramenta de libertação do indivíduo, permeie a fantasia e a realidade, envolvendo-nos em histórias que podem nos libertar de tais amarras sociais e fazer com que a trama nos desvincule do que é visto como certo ou errado. Contudo, a literatura, por vezes, acaba também refletindo a sociedade na qual vivemos e, por meio de algumas obras, podemos compreender como age o desejo humano e o destino dado àquele que se entrega a um determinado desejo, o que o faz sofrer punições.

Neste artigo, objetivamos analisar como a homossexualidade apresentada em *O Retrato de Dorian Gray* e *O Bom Crioulo* se configura e de que forma a sexualidade dos personagens os influenciaram no decorrer dos acontecimentos durante as obras, como também analisaremos o destino destes personagens sexualmente subversivos. Nosso estudo também parte do ponto de que ambas as obras foram lançadas em datas próximas, atentando assim para o contexto histórico e os valores sociais das referidas épocas.

1. Conceitos importantes para a compreensão da literatura homoerótica

Antes de conceitos como Homoerotismo, gay, etc., outro essencial para o nosso trabalho é o termo *queer*. O mesmo vem sendo empregado em um âmbito de estudos sobre a sexualidade, chamado *teoria queer*, onde se inscrevem diversos aspectos dos *gays and lesbian studies* (BARCELLOS, 2002, p. 25), abrangendo questionamentos sobre identidades desviantes:

O termo *queer*, que significa “estranho” (e na linguagem comum é empregado como injúria para homossexual), foi reapropriado para designar um modelo que se propôs como alternativa a gay, pois “enquanto gay parece apoiar-se num discurso clássico

que crê nas categorias e busca respeito e integração no sistema social, *queer* nasce com uma vocação mais rebelde, como uma autêntica afirmação da excentricidade” [...] (BARCELLOS, 2002, p. 25).

Dado o exposto, evidencia-se que a concepção do termo *queer* desconstrói o modelo de sexualidade dependente da heterossexualidade, uma vez que o mesmo está em oposição à performance determinista dos padrões de gênero, na qual concebe-se uma identidade moldada a partir dos modelos sexuais já vigentes. Deste modo o *queer* transcende os rótulos pré-estabelecidos que dividem os sujeitos em termos binários “masculino vs. Feminino”, sendo tal separação inaplicável à proposta acima citada. De acordo com Bonicce (2007), os estudos *queer* configuram uma tendência mais contemporânea dos estudos que descentralizam as questões gays e lésbicas.

A amplificação de estudos sobre Homoerotismo e Literatura nos conduz a maiores reflexões acerca da cultura (BARCELLOS, 2002, p. 33), acarretando questionamentos sobre o papel do sujeito *queer* na sociedade e de que maneira este papel se reflete na literatura de cunho homoerótico, considerando a reiteração das mais diversas representações do homossexual, na medida em que este também faz parte da sociedade/cultura e, portanto, deve também ser retratado na literatura de forma justa.

Assim, por exemplo, o conceito de código implica o de comunidade discursiva [...] e o de literatura *gay* “pressupõe a existência de uma cultura *gay* articulada”, de que participariam, tanto a instância enunciativa, quanto o leitor implícito (BARCELLOS, 2002, p. 33).

A partir dos conceitos acima citados, percebemos que estamos na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da *performance*, então a *performance* sugere uma dissonância não só entre sexo e *performance* (BUTLER, 2010, p. 237).

Nos fragmentos dos romances a serem analisados percebemos a existência de comportamentos sexuais percebidos enquanto desviantes da “norma”, tendo em vista que sujeitos do sexo masculino apaixonam-se por indivíduos do mesmo sexo, entretanto, tais personagens não performatizam o seu gênero por meio das caracterizações femininas, vivenciando apenas um “amor” que para a época e até nos dias atuais é percebido como algo proibido de se ter acesso, uma vez que homens devem relacionar-se com mulheres e vice-versa.

De acordo com Foucault (1988) o comportamento “homossexual” deveria ser classificado enquanto uma patologização, na qual os sujeitos que a praticavam deveriam

reiterar-se aos modelos vigentes da tradição, relacionando-se apenas com sujeitos do sexo oposto, desta forma, segundo o mesmo autor:

A homossexualidade apareceu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática da sodomia para um tipo de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita tinha sido uma aberração temporária; o homossexual era agora uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p.43)

Desta forma, segundo o filósofo, o surgimento da homossexualidade no século XIX, promoveu um controle ainda maior dos sujeitos que a praticavam, entretanto, houve muitos discursos em favor da normalização do comportamento homossexual, não o percebendo enquanto aberração ou doença. A patologização da homossexualidade teve seu lado positivo, por permitir que os sujeitos estereotipados pudessem falar por si mesmos, contrapondo, assim, os estereótipos que a “vontade de saber” científica construía sobre o mesmo.

Neste sentido, iremos analisar duas obras que transcendem os padrões da época, mas mesmo assim ainda permanecem seguindo os padrões que enxergam o comportamento homossexual por meio do seu viés desviante, tendo em vista o encerramento das histórias com um final punitivo aos personagens homoeroticamente inclinados, como veremos posteriormente.

2. Primórdios da homossexualidade

[...] certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras. (BUTLER, 2010, p. 13)

A literatura de cunho homoerótico só começou a ser estudada com uma maior profundidade depois do século XX, tendo em vista que esta temática sempre foi considerada como um “tabu” para a sociedade de uma forma geral. Desta forma, analisar contos ou histórias que continham tal temática era algo praticamente inexistente à crítica literária, que basicamente não se importava em discutir a construção das subjetivações pautadas nos comportamentos sexuais dos sujeitos homoeroticamente inclinados.

Silva (2012) afirma que existe uma certa repressão quanto ao tema do homoerotismo, seja masculino ou feminino, uma vez que o mesmo ainda não conseguiu o devido reconhecimento na crítica literária, bem como nas análises teóricas pautadas nos estudos

literários. Percebemos que, na atualidade, ou seja, no século XXI, existe uma maior propagação midiática referente à prática da homossexualidade, a exemplo das revistas voltadas ao público gay, dos aplicativos de internet e dos personagens que começaram a aparecer na televisão assumindo a sua sexualidade. De acordo com Barcellos (2006), a palavra “homoerotismo” consiste em um apanhado de práticas sociais, podendo estas serem coletivas ou individuais. No caso deste artigo, consideraremos o homoerotismo a partir dos comportamentos individuais dos sujeitos-personagens que foram selecionados para a análise em questão, partindo da análise da performatividade dos mesmos.

Faz-se necessário observar que as concepções sobre a homossexualidade sempre existiram, desde os primórdios da sociedade, e tais passaram a ser “camufladas”, tendo em vista a caracterização da prática homossexual como algo “doentio”, sendo este comportamento caracterizado como desviado. No entanto, de acordo com Silva (2012), esta temática ainda continua a ser ignorada em alguns espaços, como teoria e crítica literária, escolas de ensino médio, estudos sobre os temas que englobam o fazer literário, etc. Desta forma, percebemos a relevância de revisitarmos a literatura, especificamente, aquela que aborda o homoerotismo, tendo em vista a escassez de estudos voltados a esta temática.

De acordo com Silva (2014), as relações homoeróticas sempre, a exemplo da Grécia Antiga, na qual existia uma relação afetivo-educacional entre o erastes (homem mais velho) e o erômenos (homem mais jovem). Desta forma, a “amizade grega” era uma expressão utilizada para se referir às relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Perpassando tal contexto histórico, ao passar dos anos, a prática da “homossexualidade”, de acordo com Trevisan (2000), passou a ser considerada como uma doença, sendo a mesma proibida de configurar-se no contexto social, sendo a mesma retirada da Organização Mundial da Saúde em 1993, o que acarretou numa proliferação de manifestações voltadas ao público homossexual. Deste modo, os sujeitos homoeroticamente inclinados passam por uma espécie de transgressão, pois os mesmos, antes escondidos por não assumirem a sua sexualidade, “saem do armário”, iniciando, assim, uma nova fase referente ao “ser” gay em uma sociedade que passou a ter uma nova postura diante deste comportamento.

No campo literário, a presença de personagens homossexuais sempre esteve presente, mesmo quando estas eram vistas apenas em uma perspectiva cômica, por meio da representação humorística em forma de caricatura (SILVA, 2014). Entretanto, vale salientar que os estudos que se referem a tal temática ainda estão em processo de construção, uma vez que a conjuntura

do desejo homossexual foi altamente discriminada devido à mesma tratar-se de uma forma “doentia” de o sujeito subjetivar o seu desejo.

Desta forma, a literatura de cunho homoerótico passou, e ainda passa, por momentos muito delicados, uma vez que o preconceito ainda está impregnado na sociedade contemporânea, muito embora o mesmo tenha sido minimizado nos últimos anos. Fernandes (2015) afirma que a leitura do texto literário cuja temática focaliza o homoerotismo, nos remete à compreensão da subjetividade das personagens homoeróticas - neste caso em específico, as personagens presentes nos livros selecionados para análise em questão.

Na próxima seção deste artigo, buscaremos analisar de que forma se configura a homossexualidade em *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, baseando-se na teoria da performatividade de gênero, da teórica americana Judith Butler, elencando como a performance da sexualidade dos personagens homossexuais influenciou no destino dos mesmos no enredo.

3. A homossexualidade em O retrato de Dorian Gray e Bom crioulo

O Retrato de Dorian Gray (no inglês, *The Picture of Dorian Gray*) é um romance do escritor britânico Oscar Wilde, lançado em 1890 pela revista J.B. Lippincott Company (FRANKEL, 2013, p.12). No romance, Dorian é um jovem da aristocracia vitoriana, amigo do pintor Basil Halward, artista que se sente fascinado por sua beleza e tenta retratá-la em um quadro. Através de Basil, Dorian conhece Lorde Henry Wotton, e, influenciado por ele, passa a refletir sobre a efemeridade da sua beleza e juventude, passando assim a desejar que a mesma permanecesse intacta para sempre, como no quadro que retratava sua beleza na juventude. O desejo de Dorian é concedido e então ele passa a viver uma vida mais libertina, visando apenas o prazer.

Com o romance, Wilde chocou a sociedade vitoriana da época por construir personagens que apresentavam traços de homossexualidade, por meio do uso de uma linguagem codificada para tratar destas relações homoafetivas. O próprio nome da personagem principal nos remete a um amor “dórico”, que, na Grécia antiga, se tratava do relacionamento de um homem mais velho com um mais jovem, como seu amante (ARAÚJO, 2015, p. 16).

O enredo é percebido a partir do relacionamento entre Dorian Gray, Basil Halward e Lorde Henry Wottom, que, por vezes, aparenta mais ser um trio amoroso, brincando com a

sedução, beleza e influência de um sobre o outro. A personagem Lorde Henry, por exemplo, desde o início da trama, tenta manusear as atitudes de Dorian com a sua influência, envolvendo-se entre ele e Basil e, a partir de então, configura-se uma espécie de relacionamento entre os três, como podemos perceber no fragmento abaixo:

– Henry, quero terminar esse quadro ainda hoje. Você consideraria muito rude se eu lhe pedisse para ir embora? [...] – Devo ir, senhor Gray? [...] – Ah, por favor, não vá, lorde Henry. Estou vendo que Basil está num de seus dias de mau humor, e não o suporto quando está assim (WILDE, 2013, p. 103).

Entretanto, a amizade entre Basil e Dorian é o que chama mais atenção na obra, pela evidente tensão sexual alimentada pelos dois, principalmente por Basil, que trata o seu mais novo amigo com tamanha admiração e afeto, fazendo-nos perceber uma paixão instantânea. Podemos notar tal afeição de forma evidente desde a primeira vez em que Basil vê Dorian:

Voltei-me ao lado e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, me senti empalidecer. Um terror curioso e instintivo tomou conta de mim. Sabia haver me defrontado com alguém cuja personalidade era tão fascinante que, se eu permitisse, me absorveria por inteiro, até mesmo minha alma. Minha própria arte (WILDE, 2013, p. 85).

Ele aparenta descrever uma espécie de amor à primeira vista (SILVA, 2014, p.17), que é fortificado, mais tarde, pela sua devoção a Dorian, onde o mesmo afirma que o vê “todos os dias”, e que “não seria feliz se não o visse todos os dias”. No mesmo capítulo, Basil relata que “Ele agora é para mim toda a minha arte”, realçando assim, a importância que Dorian assumiu na sua vida, desde o momento em que se conheceram quando o mesmo passou a posar para o pintor.

Basil já havia enfatizado sua admiração por Dorian momentos antes, na mesma conversa com Lorde Henry, quando, de forma reclusa, o pintor apresentou o quadro ao seu amigo, já que este havia notado a obra e a admirava, frisando ser aquele o seu melhor trabalho:

Quando gosto imensamente de alguém, não conto seu nome para ninguém. É como se eu entregasse uma parte da pessoa. Você sabe como eu gosto de segredo. É a única coisa que pode fazer a vida moderna maravilhosa ou misteriosa para nós. A coisa mais banal se torna deliciosa se a escondermos. Quando saio da cidade, nunca digo às pessoas que me cercam aonde vou. Se dissesse, acabaria com o meu prazer. Não me importo de dizer que é um ato irresistível e tolo, mas de alguma forma injeta uma grande dose de aventura na vida da gente (WILDE, 2013, p. 81)

Basil Halward apresenta ainda um costume de sair da agitação da cidade em busca do romance (SILVA, 2014, p. 18). O mesmo relata que faz isso em segredo, a fim de esconder seus atos da sociedade, de modo que esta não pudesse interferir no “seu prazer”. Levando em

consideração a teoria de Butler, tais atos acontecem em segredo, uma vez que os mesmos são contra a padronização de gênero imposta pela sociedade (SILVA, 2014, p. 18), no qual o personagem se contrapõe quando *performa* a sua sexualidade:

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, de regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira de gênero que diferencia interno e externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2010, p. 235).

Deste modo, através da leitura do romance, pudemos analisar que as personagens exprimem sua sexualidade de forma subversiva, indo em contramão à estrutura sexual pré-estabelecida, que visa uma normatização heterossexual da sexualidade. Por conseguinte, tal fator pode ter influenciado Basil a manter-se restrito sobre seus relacionamentos.

O enredo do romance culminou em um dos escândalos ocorridos no lançamento do livro, que, quando foi enviado para a sua primeira publicação, teve cerca de quinhentas palavras eliminadas de seu enredo, a fim de esconder os traços que remetiam à homossexualidade dos personagens (FRANKEL, 2013, p.12). Outrossim, o livro foi usado como prova contra Oscar Wilde quando o autor foi processado por “flagrante indecência” em 1895, sendo sentenciado a dois anos de prisão, com trabalhos forçados (FRANKEL, 2013, p.9).

O retrato de Dorian Gray é um dos primeiros romances em língua inglesa a usar o desejo homoerótico como foco principal do enredo. E, embora esses traços tenham sido suprimidos em algumas partes do enredo, ou em suas diversas edições, ainda assim é notável a sua influência no desenvolvimento de uma literatura menos regrada aos padrões sociais.

Em *O Bom Crioulo*, porém, temos a história de Amaro, ex-escravo que fugiu da fazenda de seu antigo dono em busca de uma vida melhor, alistando-se na Marinha e tornando-se, assim, um soldado de caráter exemplar, levando-o a ser apelidado de Bom-Crioulo. O romance escrito por Adolfo Caminha foi lançado em 1895, sendo este o primeiro grande romance brasileiro a tratar da homossexualidade, bem como a ter um negro como herói da trama, causando um grande escândalo na época de seu lançamento, como afirma (HOWES, 2005). O romance, levando em conta o seu enredo, é simples, porém chamou bastante atenção pelo seu conteúdo, fazendo adesão a temas então considerados *tabus* para a sua época de lançamento (SILVA,

2014, p. 7), tendo temas como a homossexualidade, um relacionamento interracial e a sua ambientação em um espaço conservador e rígido, como a *Marinha*:

Tal simplicidade, contudo, guarda ao leitor relevantes aspectos da estética realista-naturalista, sobretudo a temática da natureza sexual (como a homossexualidade), tendência, aliás, que já se verificava em romances como *A Carne* de Júlio Ribeiro ou *O homem* (1887), de Aluísio Azevedo (SILVA, 2014, p. 9-10)

No romance, Amaro desenvolve um relacionamento com o jovem Aleixo, “um belo grumete de olhos azuis que embarcara no Sul” (CAMINHA, p. 32), a quem ele se afeiçoa, e que é tratado na obra como o oposto de Amaro, sendo um rapaz jovem, inocente e de boa aparência. O amor do Bom-Crioulo por Aleixo nascera de forma imprevisível e imediata, “no momento em que seus olhos se fitaram pela primeira vez” (CAMINHA, 2014, p. 32-33) e, apesar da anormalidade daquele relacionamento, o vínculo entre ambos se discorre de forma regular, sem a repreensão dos demais companheiros de bordo:

O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante [...] Tudo isso porém, não passava de suspeitas, e Bom-Crioulo, com o seu todo abrutalhado, uma grande pinta de sangue no olho esquerdo, o rosto largo de um prognatismo evidente, não se incomodava com o juízo dos outros (CAMINHA, 2014, p. 32).

Por mais que Amaro se dedicasse emocionalmente a Aleixo com veemência, este personagem demorou a alimentar algum tipo de sentimento pelo marinheiro, traçando, assim, uma das características pertinentes à homossexualidade da trama, considerando que “A homossexualidade de Bom-Crioulo surge como algo determinado, sem nenhuma tentativa de explicação, ao passo que a homossexualidade circunstancial de Aleixo é construída por Bom-Crioulo (...)” (HOWES, 2005, p. 187).

Amaro chega a defender Aleixo em algumas brigas, mudando o seu comportamento, que, até então, era pacífico. Entretanto, Aleixo o retribui com o que parece ser mais uma espécie de gratidão em vez de amor:

O Bom-Crioulo metia-lhe medo a princípio, e quase o fizera chorar uma vez, porque o encontrara fumando em intimidade com o sota de proa na coberta. O negro deitava-lhe uns olhos!... Felizmente não aconteceu nada. Mas daí em diante Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, 2014, p. 34).

Os dois passam assim a viver uma vida quase matrimonial, chegando, inclusive, a dividir um quarto na pensão da portuguesa D. Carolina, uma antiga prostituta, amiga de Amaro

que foi salva por este de um assalto à mão armada. Contudo, o relacionamento dos dois chega ao fim quando Aleixo se apaixona por D. Carolina, enquanto Amaro estava no hospital se recuperando de um castigo que recebera. O que gera ódio por parte do Bom-Crioulo, culminando assim, na sua vingança.

Além de ser homossexual, Amaro era negro, ex-escravo, fujão e alcoólatra que buscou liberdade na vastidão do mar, entretanto foi submetido novamente à violência, sendo castigado fisicamente por seus atos. O “castigo” vem à tona diversas vezes na obra e, levando em consideração a teoria da performatividade de gênero de Judith Butler, tal consequência pode vir a ser corriqueira àquele que se submete a fugir dos padrões de gênero, como Amaro o fez:

Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero (BUTLER, 2016, p. 241).

A partir do momento em que Bom-Crioulo (Amaro) começou a construir seu relacionamento com Aleixo, ele passou a lidar com alguns empecilhos em sua vida que ocasionaram a sua desgraça: desde as brigas provocadas com o intuito de proteger a inocência do seu “grumete” perante a hostilidade daquele novo ambiente marítimo, até os castigos físicos gerados pelo seu comportamento.

Mesmo tendo todo amparo e cuidado de seu “companheiro”, Aleixo, não obstante o traiu com sua amiga e, em virtude disso, Bom-Crioulo cometeu assassinato, “vingando” a traição de seu amado. O desespero tomou conta de Amaro e este resolveu matar Aleixo, a fim de punir a traição cometida, como percebemos no excerto abaixo:

A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia! [...] Ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga... (CAMINHA, 2014, p.132-133).

Desta forma, Amaro pune seu amante, levando em consideração o sofrimento provocado pela traição cometida por parte de Aleixo. Sendo assim, Bom-crioulo começa a definhar durante toda a trama, uma vez que o mesmo sofria pelo ato praticado. Do mesmo modo, podemos perceber a punição contra o personagem Basil Halward, que foi assassinado pelo seu amado quando tentava intervir por ele, incentivando-o a pedir perdão por seus pecados:

Dorian Gray olhou o quadro de relance, sendo subitamente invadido por um sentimento de ódio para com Basil [...] Dorian correu para ele e enfiou a faca na grande veia que corre atrás da orelha, empurrando violentamente a cabeça do pintor contra a mesa e continuando a esfaqueá-lo (WILDE, 2013, p. 271-272).

Deste modo, a regulamentação do desejo do homem de sexualidade homossexual é algo presente em ambas as obras, uma vez que o comportamento homoerótico é passivo de regulamentações que são determinadas pelo corpus social por meio de punições, sendo recorrente em obras com essa temática, a inexistência de finais felizes. Deste modo, percebemos a manutenção do padrão heterossexual de comportamento, por meio da punição daqueles que não se encaixam neste padrão.

Apesar do grande escândalo envolvendo a obra, *O Bom Crioulo* foi, de acordo com o neto de Caminha, bem recebido comercialmente, rendendo assim, 2.000 mil-reis de lucro ao escritor, mais do que todos os seus outros livros juntos (LACERDA, 1957). E *O Retrato de Dorian Gray* tornou-se famoso por elencar a hipocrisia da sociedade vitoriana como forma de denúncia em um livro que, mais tarde, se tornaria um dos romances mais memoráveis e emblemáticos da língua inglesa.

4. Considerações finais

Trazer à tona estudos sobre a personagem LGBT na literatura é de extrema importância para que seja possível analisar como tal personagem se configura nas mais diversas tramas, instaurando, assim, mais espaço para a compreensão do indivíduo de comportamento desviante referente à sexualidade nas artes, de modo que, a partir disso, haja uma maior compreensão sobre a retratação do ser sexual na literatura.

Deste modo, acreditamos que as contribuições teóricas de Judith Butler foram primordiais para o nosso estudo, permitindo-nos alcançar os objetivos propostos neste trabalho, e nos auxiliando no levantamento de questões pertinentes à sexualidade do homem homossexual em dois clássicos da literatura brasileira e inglesa. Percebemos que em ambas obras, os personagens tiveram finais trágicos, o que nos faz remeter à questão da punição aos sujeitos que fogem à regra dos modelos heteronormativos, fazendo-nos pensar que o fato de o sujeito não se comportar de acordo com as regras impostas pelo corpus social o faz merecedor de um tipo de punição, no caso das obras analisadas, a “morte” dos personagens foi realizada a fim de punir o comportamento desviado dos sujeitos personagens inseridos na análise em questão.

Portando, a literatura, também como ferramenta de retratação do humano, é de suma importância no processo de análise e compreensão dos padrões vigentes no que concerne à sexualidade, de modo que, a partir de tal retratação, seja possível haver uma maior

problematização sobre a maneira pela qual a sociedade reprime esses indivíduos de comportamento sexualmente desviante e de que forma podemos desobstruir estes padrões que tanto reprimem indivíduos LGBT.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gilliâm Cândido da Silva. *"Retratos" góticos de Dorian Gray: Do romance de Oscar Wilde à adaptação fílmica de Oliver Parker*. 2015. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)-Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2015.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas*. In: SOUZA JR., José Luiz foureaux. *Literatura e Homoerotismo*. São Paulo: Scortecci, 2002, p. 13 – 66.
- BONNICE, Thomas. *Teoria e crítica feminista. Conceitos e tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CAMINHA, Adolfo. *O bom-crioulo*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2015.
- FRANKEL, Nicholas. Introdução geral. In: WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Globo, 2013.
- FRANKEL, Nicholas. Introdução textual. In: WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Globo, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HOWES, Robert. *Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha*. *Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, João Pessoa, Vol 7., N.2/1, 2005 - p. 171-190*.
- LACERDA, Maurício Caminha de. *Entrevista no Jornal de Letras*, n. 59, maio 1954. Republicado em LUZ, Joaquim Vieira da, Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses, Rio de Janeiro, 1957. p. 167-169.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Incursões teóricas sobre o conceito de Literatura gay*. Sócio Poética _ Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, v. 1, n. 5, jan-jul., 55-72, 2010.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. Maceió: Editora, 2012, p. 83-108.

SILVA, Francinaldo Freire da. *A queer theory implemented reading of Oscar Wilde's The picture of Dorian Gray*. 2014. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014.

SILVA, Maurício. Prefácio O bom-crioulo. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução de Jorio Dauster. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

Recebido em 12.12.2016

Aprovado em 04.02.2017